

Leitura, Informação, Lazer e Ludicidade nas Bibliotecas Escolares: Contribuições da Biblioteca Mário de Andrade/SP

*Magali dos Reis*¹
*Vânia Noronha Alves*²

Resumo

Apresentamos, neste artigo, indagações e reflexões que dizem respeito à constituição e ao papel social e cultural da biblioteca na formação das diferentes gerações. Consideramos que é relevante iniciar, desde cedo, as crianças no universo literário, como também é fundamental que as novas gerações percebam a biblioteca como um espaço de lazer e, por isso mesmo, um espaço lúdico, rico em experiências e descobertas. Compreendemos que a prática de leitura se insere nas manifestações do lazer, uma vez que é tanto parte do nosso cotidiano quanto expressão indissociável da cultura, sendo uma das maneiras, não a única, de adquirir, de produzir e de organizar nossos conhecimentos. Como procedimentos metodológicos, realizamos a revisão bibliográfica e documental; aplicamos um questionário e fizemos entrevistas com gestores de uma biblioteca pública, que consideramos ser bem-sucedida. Compreendemos que é necessário que se construam propostas significativas de movimento e de dinamização das atividades das bibliotecas escolares.

Palavras-chave: biblioteca escola; biblioteca pública; leitura; lazer; ludicidade.

1 Doutora e Pós Doutora em Educação. Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC Minas.
2 Doutora em Educação. Docente no Programa de Pós-graduação em Educação da PUC Minas.

Reading, Information, Leisure and Playfulness in Libraries School: Contributions of Mário de Andrade/SP Library

Abstract

In this article, questions and reflections concerning the constitution and the social and cultural role of the library in the formation of different generations. We believe it is important to start at an early age, children in the literary world, it is also fundamental that new generations perceive the library as a place of leisure, so even a play area, rich in experiences and discoveries. We understand that the practice of reading falls within the manifestations of pleasure, since it is, as much a part of our daily lives, as is inseparable expression of culture, which is one of the ways, not only to acquire, produce and organize our knowledge. As methodological procedures conducted bibliographic and documentary review, we applied a questionnaire and interviewed managers of a public library, which we consider to be successful. We understand that it is necessary to build significant proposals movement and promotion of activities of school libraries.

Keywords: school library; public library; read; leisure; playfulness.

1 Introdução

Os saraus tiveram que invadir os botecos
pois biblioteca não era lugar de poesia
biblioteca tinha que ter silêncio,
e uma gente que se acha assim muito sabida.
(Criolo – Rapper Brasileiro)

A problemática que apresentamos neste artigo e que nos acompanhou nos últimos anos diz respeito à constituição e ao papel social e cultural da biblioteca na formação das diferentes gerações. Por formação, adotamos a concepção de que é o processo pelo qual os indivíduos desenvolvem sua capacidade plena de orientar-se pelo pensamento, de forma livre e autônoma.

O pressuposto fundamental deste estudo diz respeito ao entendimento de que é relevante iniciar, desde cedo, as crianças no universo literário, como também é fundamental que as novas gerações percebam a biblioteca como um espaço de lazer e, por isso mesmo, um espaço lúdico, rico em experiências e descobertas. Compreendemos

que a prática de leitura se insere nas manifestações do lazer, uma vez que é tanto parte do nosso cotidiano quanto expressão indissociável da cultura, sendo uma das maneiras, mas não a única, de adquirir, de produzir e de organizar nossos conhecimentos.

As experiências de leitura não são necessariamente atividades solitárias, que demandam silêncio e recolhimento; elas podem constituir-se como exercícios coletivos de reflexão. Esse entendimento nos conduz à ideia de que a prática cotidiana do ato de ler não se refere apenas à formação de leitores e à aquisição do hábito de leitura. Compreendemos que a biblioteca, e, entre elas, a escolar, é também um equipamento fértil e capaz de gerar novas atribuições de sentidos para as coisas que nos rodeiam e, assim, produzir novas sociabilidades. A amplitude dessa compreensão se daria ao perceber que existem outras formas de linguagens, e que essas permitem maior leitura de mundo ao educando. Esse é o objetivo deste artigo.

A biblioteca escolar deve ser compreendida como um espaço de vivência, de experiências sensíveis e de formação estética que, por sua natureza, pode contribuir para que o educando desenvolva conhecimentos que o permita operar positivamente na sociedade, ao estimular o exercício de um olhar reflexivo, ao criar condições para a produção de conhecimentos novos e ao intensificar cada vez mais a elaboração de ideias e de ações. Nesse espaço, que deixa de ser previsível e estático, encontramos um campo fértil para o desenvolvimento da imaginação criadora, para a formação e para a ampliação do senso crítico de crianças e jovens, sendo, portanto, um local propício ao lazer e à ludicidade.

Considerando esses pressupostos, tomamos ainda como objetivo deste estudo analisar as possibilidades de ações culturais desenvolvidas em uma biblioteca pública, relacionadas ao incentivo à formação de público, à difusão de informações, de conhecimentos sistematizados e à leitura, de modo a contribuir para que as bibliotecas escolares percebam seu papel na constituição desse equipamento como espaço de lazer e de ludicidade.

A questão que se coloca é como conciliar na biblioteca escolar atividades múltiplas e desenvolver condições para que os educandos possam identificar a complexidade das coisas que o cercam, descobrir seus gostos; pesquisar aquilo que lhes interessa; obter novos conhecimentos e fazer escolhas livres. Para responder a essa indagação, procedemos a um exame das produções acadêmicas e desenvolvemos um debate teórico, por meio de uma revisão bibliográfica, na busca por aproximações e distanciamentos entre os temas pesquisados, a saber, bibliotecas e lazer.

Com o propósito de apoiar nossas análises, identificamos uma experiência de biblioteca pública cujo papel social foi ressignificado a partir do ano de 2013, na cidade de São Paulo. Trata-se da Biblioteca Mário de Andrade (BMA), situada na região oeste da cidade, que reúne o segundo maior acervo do país, sendo superada apenas pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Realizamos uma entrevista com

o então Diretor da BMA prof. Dr. Luiz Armando Bagolin e com seu assessor Fabrício Reiner de Andrade, a fim de obter evidências que pudessem subsidiar nossas análises.

O artigo está organizado em seções que têm como propósito discutir o fenômeno das bibliotecas, sua complexidade e as mudanças pelas quais vem passando nos últimos decênios, a experiência vivenciada na BMA e as contribuições dessa experiência para as bibliotecas escolares. Na última seção, apresentamos algumas considerações sobre o estudo e as possibilidades de ampliação do escopo das bibliotecas escolares, como espaços de vivências lúdicas, de lazer, de formação e de produção de conhecimentos novos.

2 Do papiro aos acervos multimeios: as bibliotecas

A origem das bibliotecas, segundo Ribeiro (2008), remonta à Antiguidade, sendo, até a Idade Média, consideradas símbolo de poder e de acúmulo de conhecimentos para uma pequena elite. No período das invasões e das grandes guerras, elas eram destruídas pelos inimigos e, dessa forma, simbolicamente, varriam a história dos povos. Com a invenção do livro impresso, elas ganharam importância, mas só se tornaram abertas a um público maior após a Revolução Francesa.

Segundo Ribeiro (2013), as bibliotecas foram, por séculos (e ainda são), as instituições protetoras do conhecimento da humanidade, mas elas não são iguais, nem servem ao mesmo público. São divididas em tipos, que as caracterizam e influenciam suas rotinas de trabalho:

Quanto a sua evolução tecnológica, podem ser tradicionais, automatizadas ou digitais. Quanto à finalidade, podem ser nacionais (guardiãs da memória gráfica brasileira), escolares (atendem estudantes e professores dos ensinos fundamental e médio), especializadas (atendem a diferentes instituições e/ou categorias profissionais), universitárias (atendem estudantes e profissionais do ensino superior), especiais (atendem pessoas com necessidades especiais), infantis (atendem crianças), comunitárias (criadas para atender a comunidade sem a iniciativa e manutenção do poder público) ou públicas (RIBEIRO, 2013, p. 58).

Segundo o *site* do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), atualizado em abril do ano de 2015, o Brasil conta hoje com 6102 bibliotecas públicas municipais, distritais, estaduais e federais, contemplando os 26 estados e o Distrito Federal: 503 delas, na região Norte; 1847, na Nordeste; 501, na região Centro-Oeste; 1958, na região sudeste; 1293, no Sul³. O *site* esclarece que, entre esses números, não estão computadas as bibliotecas Nacional, comunitárias, especializadas, universitárias nem os pontos de cultura mantidos por entidades privadas e pessoas físicas, dado que ampliaria os números disponibilizados. Não foi destacado no *site*, mas, muito

³ Dados disponíveis em: <<http://snbp.culturadigital.br/informacao/dados-das-bibliotecas-publicas/>>. Acesso em: 04 out. 2016.

provavelmente, também não foram incluídas as bibliotecas escolares nem explicitado se em algumas localidades elas são consideradas públicas.

As bibliotecas públicas também foram computadas em pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em seu documento intitulado “Perfil dos estados e dos municípios brasileiros: cultura”⁴, de 2014, que trata dos indicadores da cultura de todo o país e que apresenta o percentual de municípios com equipamentos culturais e meios de comunicação no período de 1999-2014. Essa pesquisa revela que a biblioteca pública se faz presente em 97% dos municípios brasileiros, perdendo apenas para a TV aberta, que chega a 99,9%. Ainda segundo esse documento, as gestões estaduais das 27 Unidades da Federação mantinham, à época, pelo menos uma biblioteca pública. Entretanto, quando se pensa num país de proporções continentais como é o nosso, com seus 5570 municípios em toda sua extensão territorial⁵, percebe-se que o número de bibliotecas ainda é incipiente para atender a população. Se dividirmos o total de bibliotecas municipais pelos municípios, tem-se o total de 1,09 para cada um. Apesar de todos os esforços empreendidos pelos governos no período de 2003 a 2015, sabemos que ainda há muito por fazer. Ribeiro (2008) constata que as bibliotecas públicas estão mal distribuídas no Brasil, tanto em nível geográfico quanto em relação aos níveis populacionais. Para ele, as regiões rurais são marginalizadas, do mesmo modo que o é a região Norte, em relação ao Sul, e a Oeste, em relação ao Leste.

Segundo o documento técnico da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) do SNBP:

O conceito de biblioteca pública baseia-se na igualdade de acesso para todos, sem restrição de idade, raça, sexo, status social etc. e na disponibilização à comunidade de todo tipo de conhecimento. Deve oferecer todos os gêneros de obras que sejam do interesse da comunidade a que pertence, bem como literatura em geral, além de informações básicas sobre a organização do governo, serviços públicos em geral e publicações oficiais. A biblioteca pública é um elo entre a necessidade de informação de um membro da comunidade e o recurso informacional que nela se encontra organizado e à sua disposição. Além disso, uma biblioteca pública deve constituir-se em um ambiente realmente público, de convivência agradável, onde as pessoas possam se encontrar para conversar, trocar ideias, discutir problemas, auto instruir-se e participar de atividades culturais e de lazer (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2010, p. 18).

Esse conceito do SNBP coaduna com o enunciado no Manifesto da UNESCO (1995), que reconhece, no Brasil de hoje, o papel da biblioteca pública como a mais democrática instituição de caráter cultural-educacional e com vocação para contribuir com a inserção da sociedade brasileira na era da informação, por meio de sua ação cultural.

4 Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95013.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2016.

5 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_do_Brasil_por_popula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 05 out. 2016.

O documento técnico da FBN destaca os serviços de ação cultural afirmando que atividades dessa natureza são essenciais na biblioteca pública, uma vez que possibilitam a participação, a troca e a interação entre os membros de uma comunidade, sendo reconhecida, em muitas delas, como a única instituição cultural. Essas atividades possibilitam a divulgação e a familiarização com diferentes linguagens e formas de comunicação; também promovem o exercício do diálogo e da expressão verbal. Segundo o documento:

A ação cultural não tem limite de conteúdo, não tem fronteiras e nem é restrita a determinados espaços (pode acontecer dentro e fora da biblioteca). A ação cultural deve atingir, além da população leitora, aquela parcela da população que, embora não frequentando a biblioteca, deve ser considerada leitora em potencial. Deve abrir-se espaço para a troca de ideias, de informações e discussões sobre temas de interesse de grupos da comunidade. Podem ser de iniciativa da biblioteca, com a participação organizada de grupos comunitários. A formação de grupos com interesses comuns é um instrumento importante para o desenvolvimento das atividades culturais: grupos com interesse em criação literária – poesia, literatura de cordel, contos; música (grupos corais, de instrumentos musicais); ecologia (com campanhas e passeios programados) (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2010, p. 111-112).

Apesar do destaque dado ao lazer nesse documento, percebe-se uma visão ainda restrita sobre o fenômeno quando, num quadro ilustrativo sobre as atividades possíveis de serem proporcionadas à comunidade, de acordo com as funções atribuídas à biblioteca pública, encontramos:

Quadro 1 - Atividades possíveis de serem proporcionadas, pela biblioteca pública, à comunidade

Funções da biblioteca pública	Atividades culturais
Promoção da leitura	Concursos de leitura de contos e histórias, crítica de livros, clube de leitura, curso de criatividade literária, dramatização de leitura (teatro), feira de livros, hora do conto, jogos literários, gincanas, lançamentos de livros, mural de poesias, visita de escritores.
Centro de aprendizado	Cursos de curta duração (literatura, artesanato), telessalas de alfabetização de adultos), palestras, discussões.
Centro de informação	Painel com informações sobre as atividades das associações e organizações da comunidade e outras atividades culturais.
Centro cultural	Conferências, debates, exposições (locais, itinerantes de outras entidades, retratando a herança cultural da comunidade), feiras culturais, maratonas culturais, mesas redondas, varal cultural.
Centro de lazer	Apresentações musicais, clube do idoso, exibição de filmes, audiovisuais ou multimídia, teatro, teatro de fantoche e de sombras.

Fonte: UNESCO, 1995.

Uma análise desse quadro permite-nos afirmar que as funções atribuídas à biblioteca e às atividades culturais sugeridas parecem não considerar o lazer como aprendizado, informação e cultura (como definido em cada uma das suas funções). Do mesmo modo, a promoção da leitura não seria uma de suas possibilidades. As propostas para o Centro de Lazer são restritas, e, curiosamente, destacam o idoso. Será que só esses sujeitos vivem o lazer? Provavelmente a relação que aqui se faz é com o trabalho; os idosos seriam aqueles que teriam tempo para sua vivência. Essas análises nos convidam a ampliar o debate e o entendimento sobre o lazer e sua articulação com as bibliotecas públicas e escolares.

As bibliotecas escolares no Brasil, segundo Jonathas L. C. Silva (2011), foram implantadas no século XVI, com a chegada dos portugueses, e sua relação com o contexto escolar e educativo esteve diretamente relacionada à igreja. As primeiras bibliotecas foram instaladas nos colégios jesuítas e, posteriormente, em outras ordens religiosas, como: dos franciscanos, dos beneditinos e das carmelitas. É ainda com caráter religioso que as bibliotecas escolares passam por mudanças no final do século XIX e no início do século XX, e são incorporadas nas escolas privadas, que atendiam às elites brasileiras. Com as reformas educacionais das décadas de 1930-40, a presença das bibliotecas nas escolas públicas aumenta, ainda que timidamente, inclusive no que tange a políticas públicas para sua organização e seu funcionamento. O que se pretendia era construir uma valorização educativa e de estímulo aos processos de ensino-aprendizagem e a intensificação do gosto pela leitura, ação observada até os dias de hoje.

Silva (2011), com base no Manifesto da UNESCO, propõe que as bibliotecas escolares brasileiras reflitam sobre a sua própria concepção, chamando a atenção para o fato de que nem todo espaço com qualquer acervo em uma estante é uma biblioteca. A biblioteca escolar da atualidade, para esse autor, precisa manter acervo que indique suportes físicos e virtuais complexos e dinâmicos, e que possibilite ao usuário variadas formas de acesso à informação. Além disso, a biblioteca escolar deve atender a uma intencionalidade política e social representada na disponibilização de serviços de aprendizagem e nos livros e recursos que permitam aos membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efetivos da informação em diferentes suportes e meios de comunicação.

Silva (2011) apresenta e analisa a Lei 12.244/10, que busca universalizar as bibliotecas escolares no Brasil. Segundo o autor, essa Lei é fruto de uma antiga luta dos bibliotecários e dos movimentos educacionais; estabelece que, num prazo de 10 anos, a contar da sua publicação, os sistemas de ensino cumpram a exigência de instalação de bibliotecas em todas as unidades de educação do país. Em suas análises, o autor aponta para os avanços, as limitações e os principais problemas a serem enfrentados pela sociedade e pelas escolas para sua implantação. Apesar dos avanços identificados na Lei, observamos que, em seu texto, a biblioteca escolar não é considerada como um espaço potencial para o desenvolvimento do lazer e da ludicidade.

Em nossa sociedade, sabemos que o texto da Lei não garante o seu cumprimento. Além disso, na contemporaneidade, as tecnologias da informação têm provocado mudanças também nas bibliotecas escolares, que passam a ser consideradas “o portal de ligação da escola com o mundo” (FURTADO, 2009, p. 137). Essa realidade, segundo Furtado (2009), tem exigido dos profissionais que atuam nas bibliotecas “a necessidade de rever seus produtos e serviços e sua relação com o usuário da informação, a fim de que elas não sucumbam diante das tecnologias [digitais] de informação e comunicação e se tornem obsoletas” (FURTADO, 2009, p. 137). A autora sugere o uso da Web 2.0 nas escolas, o que permitiria a criação de blogs segundo o interesse dos alunos; entretanto, não discute essa e outras propostas como uma possibilidade de vivência de atividades lúdicas e de lazer.

Gasque e Casari (2016), ao apresentarem as tendências globais e atuais para as bibliotecas escolares, chamam a atenção para quatro aspectos que deverão ser considerados: a aprendizagem, a coleção das bibliotecas, o espaço e o papel do bibliotecário. Em relação à aprendizagem e às tendências de médio impacto, as autoras citam a utilização de abordagens de aprendizagem colaborativas e a mudança de status dos estudantes, de consumidores para criadores de conteúdo, que incluem o desenvolvimento de jogos, o acesso à instrução de programação, dentre outros. Em relação à tendência a curto prazo, elas destacam o aumento da aprendizagem híbrida, que permitirá

[...] aos estudantes praticar e conseguir o domínio do conteúdo no próprio ritmo por tendências por meio de módulos de aprendizagem on-line e software adaptável; e a valorização das humanidades e das atividades artísticas que envolvem os estudantes em um contexto de aprendizagem multi e interdisciplinar, rompendo barreiras tradicionalmente existentes entre as diferentes áreas e assuntos (GASQUE; CASARI, 2016, p. 40).

As autoras defendem um ambiente com novo *design* da biblioteca escolar como espaço comum de aprendizagem. Segundo elas, “a palavra chave para a nova biblioteca é flexibilidade” (GASQUE; CASARI, 2016, p. 45). Citam como exemplo os espaços maker, ou espaços de criação, e o iCentre desenvolvido na Austrália, que é um:

[...] espaço conduzido por uma equipe qualificada em informação, tecnologia e aprendizagem que provê programas e serviços para aprendizes do século XXI; oferece serviços customizados, flexíveis, relevantes 24 horas, sete dias na semana; a pedagogia está no centro da tomada de decisão, política e prática e ainda, fornece suporte personalizado para estudantes, professores, administradores e pais (GASQUE; CASARI, 2016, p. 46).

Essas novas demandas trarão exigências à formação do bibliotecário, que passa a exercer também uma função pedagógica e precisará desenvolver a capacidade de lidar com as questões psicopedagógicas e sociais, além das funções gerenciais e técnicas. No entanto, as autoras não consideram a necessidade de esses profissionais desenvolverem conhecimentos sobre lazer e ludicidade.

Sem dúvida, as bibliotecas, sejam elas públicas, comunitárias, escolares, universitárias ou da outra tipologia, constituem-se, na atualidade, num potente equipamento de lazer. Desse modo, as bibliotecas agregam novas e complexas atividades à sua configuração inicial, isto é, a de ser espaço de promoção, de divulgação e de empréstimos de livros, de construção do hábito de leitura ou de veiculação de informações. Em muitos lugares, nelas, é possível desfrutar de momentos com os amigos nos cafés, nos ciberespaços, nas exposições de filmes, de fotografias, de obras de arte, nos saraus, nos shows, dentre outros. Gasque e Casari (2016), citando Jonhson (2013), defendem que as bibliotecas deveriam ser espaços nos quais as crianças e os jovens pudessem compartilhar informações, e não apenas as absorver; deveriam se tornar, portanto, áreas de produção do conhecimento.

Destarte, compreendemos o lazer como um campo multidisciplinar que envolve todas as áreas do conhecimento, uma vez que a formação humana não deve ser pensada apenas com o foco no trabalho, mas também na dimensão estética, sensível, afetiva, lúdica, dentre outras. Nesse sentido, caberia à escola (sabendo não ser essa a única instituição responsável pela educação) e a todas as ações de aprendizagem que a envolvem ser responsável também pela educação para a vivência do lazer. Entretanto, numa consulta nas plataformas de pesquisas e em periódicos especializados, poucos foram os trabalhos encontrados nos quais os temas biblioteca e lazer fossem articulados.

Caldas (2011), por exemplo, destaca que, assim como os museus, as bibliotecas “promovem e entregam, às suas comunidades, produtos e serviços ligados à projeção cultural oriundos das informações geradas pelos indivíduos” (CALDAS, 2011, p. 65). Ao disponibilizarem seus acervos, esses equipamentos se tornam valiosos para a pesquisa e para a compreensão da sociedade. Segundo a autora, o uso dos acervos tem sido facilitado pelas redes e pelas formas de tecnologias e de sistemas de informação, assim como disponibilizadas informações relativas a unidades culturais existentes em outras localidades.

Por sua vez, Santa Anna (2016) tem provocado a comunidade dos biblioteconomistas a repensar o papel das bibliotecas do futuro, diante das transformações geradas no âmbito dos equipamentos físicos e das novas práticas profissionais geradas com a revolução tecnológica. Em seus escritos, o autor tem defendido que a biblioteca, além de exercer uma função técnica, voltada à educação/informação, deve também exercer a função social e cultural. Assim, cada vez mais, as bibliotecas deslocam-se de ambientes informacionais para espaços de convivência.

Santa Anna (2016) comunga com outros autores, ao afirmar que a biblioteca deixará de ser museu ou supermercado de livros, mas um espaço de diálogo entre os seus usuários, leitores e livros, gerando uma nova concepção para a Biblioteconomia do futuro, que poderá oferecer produtos e serviços que atendam às necessidades da comunidade, para além das informacionais. Nessa nova faceta, será preciso investigar

o perfil dos usuários e a ele se adequar. A biblioteca será um espaço de socialização, oferecendo subsídios para auxiliar a vida de seus usuários. Desse modo, o foco das atividades não estará no acervo, mas nas pessoas e em suas necessidades sociais.

Esse deslocamento de foco para as necessidades sociais dos usuários exigirá do profissional novos conhecimentos e estratégias de intervenção social. Nessa direção, consideramos que um desses conhecimentos recairá sobre os sentidos e os significados de lazer na sociedade contemporânea.

Entretanto, quando o autor adota quatro funções primordiais da biblioteca, com base em Silveira e Reis (2011), com destaque para suas funções cultural, informacional, recreativa e educacional, ele não deixa claro o que as funções cultural e recreativa querem dizer. Veja como os autores definem:

Funções informacional e cultural referem-se, de modo geral, à oferta de produtos e serviços informacionais, os quais agregam valor instrutivo para os usuários, conduzindo a produção de conhecimentos e posicionamento crítico e transformador ao indivíduo. Já as funções cultural e recreativa, **que praticamente são complementares**, provocam diferenciais aos fazeres biblioteconômicos, cujo objetivo dessa inovação seja viabilizar à sociedade a manifestação da identidade social, de acordo com o perfil da comunidade onde está inserida. (SANTA ANNA, 2016, p. 239, *apud* SILVEIRA; REIS, 2011, p. 52, grifos nossos).

Assim, vislumbramos mais dúvidas do que compreensão, pois as funções cultural e recreativa são complementares à informacional em que sentido? Qual é o entendimento de cultura e de recreação?

Uma análise dessa literatura nos permite afirmar que, apesar dos avanços no debate sobre as bibliotecas, sua função social, as demandas para os bibliotecários, a defesa desse equipamento como espaços de convivência, de recreação e de lazer, nota-se uma frágil apropriação dos estudos do lazer em seu interior. Santa Anna (2016) reconhece que:

Embora se encontram (sic) na literatura, trabalhos que reflitam acerca das funções sociais, culturais e recreativas como novos potenciais atribuídos às bibliotecas do futuro, percebe-se que a quantidade de publicações ainda é escassa, diante da importância e necessidade de se discutir a temática, sobretudo diante dos desafios oriundos com a revolução tecnológica e as diversificadas exigências dos usuários da informação (SANTA ANNA, 2016, p. 243).

Comungamos com esse autor e afirmamos que conhecimentos pertinentes ao lazer necessitam urgentemente de serem tratados pelos profissionais de Biblioteconomia e de Ciência da Informação.

3 Lazer, ludicidade e livros

A constituição do campo de estudos do lazer no Brasil é recente e tem influência dos trabalhos realizados por Dumazedier, nos idos da década de 1960, no contexto europeu. Entendia esse autor que o lazer é o conjunto de ocupações que o sujeito realiza no seu

tempo livre das obrigações para relaxar ou para se distrair (DUMAZEDIER, 1979). Esse conjunto de ocupações são as atividades propriamente ditas, categorizadas pelo autor em grupos de afinidade dos sujeitos: interesses manuais, artísticos, intelectuais, sociais e físico-desportivos, compreendendo a gama de manifestações presentes no lazer. Camargo e Schwartz incluíram nessa categorização os interesses turísticos e virtuais, respectivamente.

Essa abordagem vem recebendo críticas dos estudiosos do lazer em nosso país, uma vez que é praticamente impossível conceber uma atividade do lazer em apenas uma dessas categorias, mas, para fins didáticos, ela continua sendo adotada. Vejamos, por exemplo, as atividades culturais previstas para a promoção da leitura no quadro discutido anteriormente neste artigo. São previstos, dentre outras atividades, concursos de leitura de contos e histórias, dramatização de leitura (teatro), feira de livros, jogos literários, gincanas. Essas atividades podem ser contempladas em todos os interesses categorizados por Dumazedier, dependendo do foco e da maneira como os sujeitos a vivenciam.

Pesa ainda sobre esse autor o fato de considerar as atividades desprovidas de seu contexto cultural e de suas produções simbólicas, com sentidos e significados para os diferentes grupos sociais. Marcellino amplia, na década de 1980, o conceito de lazer, e entende as atividades (ou o conjunto de ocupações) como cultura. Para esse autor, o lazer é a cultura vivenciada e fruída pelos sujeitos em seu tempo disponível fora das obrigações.

Marcellino (1987) contribui ainda com uma reflexão sobre os usos das manifestações culturais de lazer em nossa sociedade capitalista, e problematiza as funções moralistas, utilitaristas e compensatórias a elas atribuídas. Ao mesmo tempo, destaca o potencial revolucionário e transformador do fenômeno, uma vez que ele exige participação, gestão de conflitos, mediação, criatividade, inclusão, dentre outros aspectos que podem contribuir para a construção de outra sociedade. O autor defende que o lazer possui duplo aspecto educativo, ou seja, é preciso que as pessoas se eduquem para a vivência do lazer e, ao mesmo tempo, compreendam que essas vivências também educam. Não seria essa uma das funções das bibliotecas?

O lazer é um fenômeno social extremamente complexo nos dias atuais. É ambíguo, uma vez que pode contribuir para a reprodução de valores sociais presentes numa sociedade capitalista e, ao mesmo tempo, pode provocar sua transformação. Para Gomes (2004) ele é

Uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2004, p. 125).

Reconhecer as bibliotecas como potente equipamento de lazer é também reconhecer nelas os três elementos destacados pela autora: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social. É importante considerar as manifestações culturais como práticas sociais que promovem o desfrute e a fruição da cultura; nesse sentido, as bibliotecas podem se tornar espaços privilegiados de trocas, de construções, de criações, onde os universos simbólicos dos diferentes grupos sociais possam ser conectados, reconhecidos e ampliados.

Em nossos escritos, temos afirmado que o lazer é um campo aberto às possibilidades, quando os sujeitos se permitem “viver livres do medo do irracional, do desconhecido” (GLEISER, 2010, apud NORONHA et al, 2011, p. 36). Nesse sentido,

[...] o lazer se torna uma possibilidade para o sujeito vivenciar uma educação que objetive a apropriação de ferramentas potencializadoras para a realização de leituras críticas em relação às estratégias reprodutivistas e alienantes presentes em nossa sociedade. Uma educação das sensibilidades, com vista à sua formação integrada, que alcance a saúde, a qualidade de vida (individual) e da vida (coletiva), a felicidade, em harmonia para viver consigo mesmo, com o outro, a sociedade e o meio ambiente, de modo pleno e lúdico. (NORONHA et al, 2011, p. 36).

O lazer caracteriza-se ainda por ser a vivência privilegiada do lúdico (PINTO, 2004) que se materializa na brincadeira, no jogo, na festa, nos passeios, na literatura, nas artes, dentre tantas outras manifestações humanas. A vivência do lúdico pode ser traduzida em duas perspectivas: uma individual e outra coletiva (ALVES, 2003). Na individual, perspectiva do sujeito, traduz-se como essência da vida humana. São aquelas manifestações culturais que exprimem nossos gostos e interesses, realizadas por livre escolha e que geram prazer e alegria. Mesmo quando nos coloca diante de situações conflituosas com nosso próprio íntimo e com o outro, exigindo soluções rápidas, o lúdico nos possibilita experiências verdadeiramente humanas. Ele contempla dimensões sufocadas e primordiais, como a imaginação, o devaneio, a fantasia, o simbólico, a criatividade. Na perspectiva coletiva, esses gostos e interesses individuais expressam nossa relação com a cultura. Uma vez identificadas as práticas de lazer de cada um de nós, certamente buscaremos nossos pares para realizá-las. É por isso que podemos sair de casa sozinhos para determinada experiência, por exemplo, um sarau numa biblioteca, que lá encontraremos outras pessoas para dela desfrutar, possibilitando, inclusive, a constituição de redes e de vínculos afetivos. Nessa perspectiva, é possível compreender que o lúdico está na essência da vida cotidiana, nos diferentes contextos sociais e culturais, imprimindo sentidos e significados diversos às práticas de lazer.

Essas breves considerações sobre o lazer permitem-nos afirmar que ele se faz presente cotidianamente em nossas vidas, e que dela faz parte. Sabemos que nossas escolas educam para o trabalho, e isso tem ficado cada vez mais evidente nas propostas curriculares. Entretanto, não podemos perder de vista a formação humana de nossas crianças e adolescentes, pois, como nos diz Morin (2002), o ser humano é, ao mesmo

tempo, razão e sensibilidade, sendo a privação da poesia tão fatal quanto à do pão. Educar para e pelo lazer é urgente; por isso, diferentes profissionais da educação precisam compreender esse fenômeno.

Com o intuito de ampliar o nosso olhar sobre as práticas culturais de lazer possíveis de serem desenvolvidas em todas as tipologias de bibliotecas, principalmente as escolares, com base em ações, trazemos para este artigo uma entrevista realizada com o atual diretor de uma das maiores bibliotecas públicas de nosso país, a BMA.

Vale destacar que a BMA é considerada, pela sua tipologia, uma biblioteca pública, por ser, segundo Machado (2008), caracterizada como um equipamento cuja legitimidade é dada pelas leis; sua estrutura é vinculada a um órgão governamental. Seus funcionários são vinculados à administração pública, alocados no equipamento, independente do seu vínculo local. Consideramos que a experiência desenvolvida na BMA pode contribuir para o debate sobre o lazer nas bibliotecas, principalmente nas escolares.

4 A Biblioteca Mário de Andrade (BMA)/SP

De acordo com nossos registros de pesquisa, e segundo informações fornecidas por Luiz Armando Bagolin e Fabricio Reiner Andrade, por meio de questionário estruturado e entrevista, a Biblioteca Mário de Andrade (BMA) foi criada em 1925, integrando o núcleo inicial do que seria o Departamento de Cultura de São Paulo, liderado por Mário de Andrade. De 1943 a 1959, sob a gestão de Sérgio Milliet, foi formada, na BMA, a primeira coleção de arte pública da cidade, com destaque para as obras modernistas brasileiras. Essa criação antecede, inclusive, as coleções do Museu de Arte de São Paulo (MASP), do Museu de Arte Moderna (MAM-SP) e da primeira Bienal de São Paulo, instituições cujas diretrizes e premissas foram traçadas dentro da BMA.

Sendo a segunda maior biblioteca do Brasil, a BMA contava, até o ano de 2015, com um acervo de quatro milhões de itens: cerca de 300 mil livros, 2 milhões de periódicos, com cerca de 300 milhões de páginas, 52 mil obras raras e especiais, 7 mil mapas antigos datados do século XVI ao XX, álbuns de gravuras originais, desenhos, moedas e fotografias.

Segundo os depoentes, o acervo está dividido em 11 diferentes seções: Coleção Circulante, Coleção Geral, Mapoteca, Coleção de Arte, Coleção São Paulo, Coleção de Referência, Sala de Atualidades, Multimeios, Coleção de Obras Raras e Especiais, Coleção de Periódicos (Hemeroteca) e Coleção ONU (a BMA é uma das poucas bibliotecas no mundo a receber, desde 1949, as publicações dessa importante organização, particularmente os periódicos e relatórios sobre as ações humanitárias globais). Com exceção das duas últimas coleções – resguardadas em um edifício anexo ao principal – na totalidade, as seções ocupam um espaço de 11.357 m², em

22 andares de um prédio situado na região central de São Paulo, com fácil acesso por transporte público.

A BMA conta ainda com um auditório com capacidade para 175 pessoas, onde são desenvolvidas palestras e atividades culturais semanalmente. Destacamos o ciclo de palestras Democracia na História. Atualmente, cerca de 1200 pessoas visitam a BMA diariamente. Embora esse não seja um número pequeno, seus gestores consideram que, com poucas, mas significativas mudanças, é possível não somente ampliar a circulação nos espaços da BMA, mas também permitir que um público que atualmente tem dificuldade de acesso às obras – em razão das enormes distâncias geográficas de nosso país – possa também dispor dos conteúdos exclusivos dos acervos.

A BMA é um espaço de formação, de leitura, de lazer e de cultura de grande importância para a cidade de SP e para o país, pois sempre ocupou lugar de destaque. Por desejo de seu patrono, o escritor Mário de Andrade, a BMA constituiu-se, ao longo dos anos, como um centro cultural ativo e participante no fomento da cultura brasileira em diversos aspectos. Esteve sempre à frente dos mais importantes acontecimentos culturais da cidade e orgulha-se de ser uma instituição moderna, em todos os aspectos.

Seu acervo é um dos mais proeminentes do país. A Seção de Obras Raras e o Acervo de Periódicos, por exemplo, contêm obras de enorme importância cultural e histórica. A Seção de Obras Raras e Especiais da BMA, fundada por Rubens Borba de Moraes, em 1946, reúne atualmente um total de mais de 40 mil volumes de livros, 20 mil volumes de periódicos e 10 mil outros documentos, incluindo manuscritos, álbuns de fotografias originais, gravuras, desenhos, cartões-postais e moedas. Destacam-se, entre suas muitas preciosidades, nove exemplares de incunábulos, isto é, livros publicados antes de 1500, várias obras únicas sobre o Brasil, das quais se conhecem poucos exemplares no mundo, e as edições originais dos principais viajantes estrangeiros, como Thévet, Debret, Rugendas, Spix e Martius.

A Suma Teológica, de Santo Antonino, de 1477, é o exemplar mais antigo pertencente à coleção da BMA. Há ainda um magnífico exemplar da Bíblia, impresso em 1492 e guardado em caixa especial de jacarandá, e dois exemplares da Crônica de Nuremberg, de 1493, que descreve a história do mundo, com cerca de 1.600 xilogravuras, considerado o maior livro ilustrado de sua época.

Já o acervo de periódicos é formado por cerca de 12 mil títulos de jornais e revistas que abrangem desde o século XIX até nossos dias. Não se sabe, com exatidão, quando os periódicos começaram a fazer parte do acervo da BMA, mas sabe-se que seu núcleo mais antigo se originou da incorporação do acervo da Biblioteca do Estado, que fora desativada. Antes mesmo da criação da Seção de Revistas e Jornais, em 1935, por Rubens Borba de Moraes, a BMA já possuía importante acervo formado por meio de aquisições que ocorrem com regularidade e por doações. A partir de então, recebeu doações valiosas de colecionadores e bibliófilos, como as de Homem de Melo, Paulo

Prado, Afonso de Freitas, Félix Pacheco, Sérgio Milliet, Carvalho Franco, Pereira Matos, Paulo Duarte e Pirajá da Silva, dentre outros.

Na percepção de Bagolin, a BMA constitui-se como um espaço de conhecimento, de cultura e de lazer, para além de sua função de fomento a leitura. Para o gestor, a ideia de que a biblioteca é apenas um repositório de livros é ultrapassada; na BMA, parte-se do princípio de que toda produção de conhecimento é acervo, do livro ao usuário. Nesse sentido, é necessário que a biblioteca seja o espaço para as mais diversificadas manifestações culturais existentes. Apresentações musicais, exposições de arte, teatro, cinema, palestras são algumas das atividades que diariamente se fazem na biblioteca. No caso da BMA, esta recebe personalidades de destaque no cenário social, político e acadêmico, como é o caso de Gerard Duménil, Boaventura de Souza Santos, Jaime Alem, Viny Novas, Eudóxia de Barros, Alex Flemming, Posada, Gero Camilo, Susan Damasceno, entre outros. Nota-se que a biblioteca é concebida como espaço público privilegiado de produção de conhecimento, e deve não só guardar a informação, mas também fomentá-la e difundi-la.

A BMA é uma biblioteca que visa sempre à modernidade, desde sua fundação. Para que ela continue sendo protagonista na cidade e no país, foi desenvolvido um plano que se divide principalmente em dois pontos: preservação e difusão de acervos e ampliação do atendimento ao usuário e ao público em geral. Há ainda um projeto em curso, com o objetivo de implantar na BMA um setor de digitalização que vise à aquisição e ao arquivamento de critérios para a interpretação digital de artefatos bibliográficos e sua reprodução em arquivos plenos (arquivos máster), discriminando-os em relação aos de outras bibliotecas (Biblioteca Nacional, Biblioteca Brasileira Mindlin, por exemplo), que têm visado prioritariamente à disponibilização massiva de arquivos online.

Destacamos que uma biblioteca como plataforma digital envolve ainda a disponibilização de seus conteúdos simultaneamente na internet e em seu espaço físico, com a utilização de novos suportes, como telas de autoatendimento com a função *touch*, *tablets*, *audio-books* e outros. Isso não só para colocar à disposição dos usuários todo o tipo de informação, mas também para incentivar e formar novos leitores. No caso da BMA, esse projeto encontrava-se em andamento em 2016.

Bagolin e Andrade ressaltam que a meta é triplicar o número de visitantes e consulentes presenciais. Para atingir essa meta, uma das ações em funcionamento desde 2016 é a de transformar a BMA na primeira grande biblioteca pública do Brasil aberta 24 horas por dia, de segunda a segunda, com a automação para empréstimos e devolução de livros.

Outro aspecto, ou parte do projeto relativo a essas metas, foi modernizar e ampliar o parque de equipamentos de segurança, de iluminação e de monitoramento remoto, envolvendo um plano de integração com a Praça Dom José Gaspar, onde a BMA está instalada.

Os depoentes alertam que tanto o tombamento das instalações da biblioteca quanto seu entorno encontram-se em processo pelo IPHAN, como lugar de circulação dos intelectuais e artistas modernistas. Há ainda a intenção de construir uma Reserva Técnica avançada, para permitir que o acervo de obras raras seja melhor acondicionado e estudado por pesquisadores do Brasil e do exterior, assim como permitir que a BMA passe a acolher exposições de acervos de instituições estrangeiras.

Além dessas, a BMA tem ampliado seus locais de atendimento. O destaque, segundo os depoimentos, foi a inauguração do Terraço BMA, um espaço privilegiado para apresentações musicais, onde ocorrem atividades culturais mensais de samba e de chorinho. Essa forma de organização e de abertura da biblioteca proporcionou maior envolvimento do público com o local, além de diversificar a oferta de serviços e de lazer para os usuários, que passam a enxergar a biblioteca como espaço para múltiplas experiências e vivências.

Outro ponto importante diz respeito ao projeto de implantação da Sala de Criança, um espaço no andar térreo da BMA destinado a atividades de leitura e de lazer para crianças de 0 a 10 anos de idade. Embora o projeto não tenha sido concretizado até 2016, a intencionalidade de acolher os mais novos na biblioteca, com ações de estímulo à leitura, e o compartilhamento de experiências entre pais e responsáveis pelos pequenos possibilitarão ampliar as vivências de novas gerações e a formação de vínculo com o lugar.

A intenção é tanto organizar um acervo de obras de literatura infantil quanto mostrar, com ações concretas, que as crianças são bem-vindas à BMA. A ideia de tematização de bibliotecas apartou as crianças da cidade de São Paulo da mais significativa delas, uma vez que a iniciativa de criar bibliotecas temáticas confinou os mais novos na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, ao mesmo tempo em que não criou um acervo específico para elas na BMA. De acordo com os registros da pesquisa, observamos um esforço dos gestores para atrair novamente as crianças para dentro da BMA, com inúmeras atividades voltadas para o público infantil.

Quanto às parcerias, os entrevistados afirmam que, além de todas as ações internas já mencionadas neste artigo, a BMA tem também diversificado seu campo de atuação para além das fronteiras paulistas, e tem realizado inúmeros projetos em parceria com instituições nacionais e internacionais. Dessa experiência surgiu o projeto Coleções Periódicas Nacionais, financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), que tem por objetivo reunir em uma plataforma digital integrada os acervos dos periódicos regionais de grandes instituições brasileiras.

A expansão e a exteriorização das ações da BMA se fazem sentir também por meio da participação, ou mesmo da promoção de feiras literárias, tanto na cidade de São Paulo quanto fora dela. Todo ano, em parceria com a Liga Brasileira de Editoras (LIBRE) é realizada, na Praça Dom José Gaspar, a feira de editoras independentes, o

que, segundo as avaliações realizadas pelos gestores da feira, em parceria com a BMA, tem sido sempre um sucesso. Outra iniciativa nesse sentido é a promoção da feira literária denominada Miolo, que tem por princípio incentivar a produção independente.

Os entrevistados revelam insatisfação com os mecanismos de divulgação do trabalho realizado, ao comentarem que, em 2014,

[...] a pedido da prefeitura de São Paulo, fizemos a curadoria da participação da cidade na Feira Internacional de livro de Buenos Aires. Levamos principalmente a produção literária da periferia da cidade, e fomos muito bem recebidos pelo público e pela mídia portenha. Lamentavelmente a imprensa brasileira pouco se importou com o evento (Registro de Campo, fev. 2015).

Esse comentário expressa como são consideradas e valoradas as atividades de lazer pelo setor das bibliotecas em nosso país, numa nítida desvalorização em relação a tantas outras, como é o caso principalmente do futebol e de seu espaço na mídia.

Indagamos aos depoentes se acham que as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação interferem na biblioteca. Tanto Bagolin quanto Andrade afirmaram que a tecnologia deve ser encarada como canal complementar à leitura, e não como uma concorrente ou como uma interferência arbitrária. Segundo eles, o problema não está na plataforma, mas sim nos conteúdos veiculados, muitas vezes de qualidade duvidosa:

Nosso papel é o de aumentar a oferta de livros, mas armazenar livros em uma biblioteca exige uma demanda de profissionais e de recursos para além da capacidade das administrações públicas. Uma solução para esse problema é a disponibilização dos livros em plataformas digitais. Uma NUVEM de livros, para ser mais exato. Gratuita e disponível para qualquer cidadão (Registro de Campo, fev. 2015).

Por fim, registramos que a BMA promoveu no ano de 2016 a campanha do “carteiraço infantil”, tendo como mote o incentivo à leitura voltado para o público infantil, e ainda mantém dois clubes de leitura para jovens, um deles em parceria com uma grande editora de São Paulo. Compreendemos, para finalizar, que o uso sistemático das redes sociais foi fundamental para a disseminação das ações da BMA, como também contribuiu para estabelecer diálogo contínuo entre usuários de diferentes faixas etárias, principalmente entre os mais jovens.

5 À guisa de conclusão

Analisamos neste artigo o surgimento das bibliotecas e a constituição das escolares como espaços de aquisição e de produção de conhecimento e como potencial equipamento de lazer e de cultura para crianças e jovens, bem como para seus familiares.

Para apoiar nossas reflexões sobre o papel amplo e complexo das bibliotecas, destacamos uma experiência que consideramos ser bem-sucedida e que pode contribuir

para o entendimento do lugar social desse espaço de cultura e de lazer propício ao desenvolvimento das sociabilidades contemporâneas para diferentes segmentos geracionais.

Partimos da constatação de que, para muitos, a biblioteca, de modo geral, e em particular a biblioteca escolar, ainda é vista como um espaço de guarda de livros, descolado da sociedade, que exige do usuário uma disciplina baseada no corpo sentado, no silêncio, na ausência de movimento, na introspecção.

Dialogamos com autores da área da Biblioteconomia para identificar se o fenômeno lazer tem sido discutido e como. Identificamos aspectos legais e teóricos que se aproximam da ideia defendida neste artigo, bem como os desafios enfrentados por seus profissionais na contemporaneidade.

Consideramos que, para modificar uma visão preconcebida, é preciso repensar o lugar social da biblioteca escolar, cuidar de suas instalações com esmero e com compromisso estético, organizar o material de forma acessível e agradável para crianças, jovens e adultos. É preciso ampliar a concepção de biblioteca, ultrapassando os projetos conservadores que se traduzem em um espaço culturalmente pobre. Para atrair as novas gerações e criar condições para que elas se apropriem desse espaço, e que na biblioteca possam adquirir saberes, produzir conhecimentos novos, usufruir de lazer e de cultura, viver a ludicidade, é necessário que se construam propostas significativas de movimento e de dinamização de atividades e ações práticas das bibliotecas.

Sabemos que muitos profissionais das bibliotecas escolares têm trabalhado em conjunto com os outros professores na tentativa de transformar esse ambiente em um centro cultural congregador de todas as áreas do conhecimento. Para isso, é preciso transformar esse equipamento em um ambiente vivo, interativo, participativo e, obviamente, lúdico, visando ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares que mobilizem a comunidade escolar.

Com os exemplos desenvolvidos na BMA, guardadas as devidas diferenças e condições de trabalho, analisamos que possam gerar para as bibliotecas escolares novas possibilidades de ação de intervenção pedagógicas. Não basta ter uma Lei que obrigue a implantação do equipamento, torna-se necessária a discussão de sua função na escola e da mobilização para sua organização e seu funcionamento, favorecendo o encontro com os interesses do educando de formação também para outras dimensões da vida, além do trabalho. Com a intenção de prolongarmos o debate perguntamos: qual seria então o papel das bibliotecas escolares na educação pelo e para o lazer? Como os profissionais da escola podem encarar esse desafio? Quais ações podem ser desenvolvidas? Como envolver a comunidade escolar?

Referências

ALVES, Vânia F. Noronha. Uma leitura antropológica sobre a Educação Física e o lazer. In: WERNECK, Christianne L. G.; ISAYAMA, Helder F. (Orgs.). **Lazer, recreação e Educação Física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Biblioteca pública: princípios e diretrizes**. 2. ed. rev.ampl. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Coordenação Geral do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, 2010. Disponível em: <https://www.bn.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2015/bibliotecapublica_principiosdiretrizes_edicao2.pdf>. Acesso em: 05 out. 2016.

CALDAS, Rosangela Formentini. Bibliotecas, arquivos e museus como centros de referência na dimensão cultural das comunidades. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 21, n.3, p. 57-69, set./dez. 2011. Disponível em: <<file:///Users/adm/Downloads/bibliotecas,%20gestao%20e%20UCs.pdf>> Acesso em: 05 out. 2016.

DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectivas, 1979.

FURTADO, Cassia Cordeiro. Bibliotecas escolares e web 2.0: revisão da literatura sobre Brasil e Portugal. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 135-150, jul./dez., 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/10888/7312>>. Acesso em: 05 out. 2016.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; CASARIN, Helen de Castro Silva. Bibliotecas escolares: tendências globais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 36-55, set./dez. 2016. Disponível em: <<file:///Users/adm/Downloads/60697-277890-5-PB.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2016.

GOMES, Christianne L. Verbetes Lazer - concepções. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>>. Acesso em: 05 out. 2016.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

MORIN, Edgar. **O método**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002. v. 4.

NORONHA, Vânia et al. **Sistema de Monitoramento & Avaliação dos Programas Esporte e Lazer da Cidade e Segundo Tempo do Ministério do Esporte**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Ideal, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Coordenação de População e Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95013.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2016.

PINTO, Leila M. S. M. A experiência educativa lúdica. In: SALGADO, M. Umbelina C.; MIRANDA, Glaura V. de (Org.). **Veredas**: formação superior de professores. Belo Horizonte: SEE-MG, 2004. v. 4.

RIBEIRO, Alexsander Borges. Bibliotecas públicas do Brasil: um novo olhar. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, RS, v. 27, n. 1, p. 55-69, jan./jun. 2013. Disponível em: <<file:///Users/adm/Downloads/3544-11154-1-PB.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2016.

RIBEIRO, Alexsander Borges. Bibliotecas públicas do Brasil: passado, presente e futuro. 2008. Monografia (Conclusão de curso) – Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17857/000718838.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05 out. 2016.

SANTA ANNA, Jorge. A redefinição da biblioteca no século XXI: de ambientes informacionais a espaços de convivência. **Revista digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 232-246, mai./ago. 2016. Disponível em: <[file:///Users/adm/Downloads/8641701-18966-1-PB%20\(1\).pdf](file:///Users/adm/Downloads/8641701-18966-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 05 out. 2016.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da Lei 12.244/10. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 489-517, jul./dez., 2011. Disponível em: <<file:///Users/adm/Downloads/797-3608-1-PB.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2016.

Recebido em 27/08/2016

Aprovado em 15/12/2016